

FH com a ONU na cabeça

Presidente quer lugar no Conselho de Segurança e sonha com secretariado-geral

Carlos Humberto

ARTHUR ITUASSU

O encontro de hoje entre Fernando Henrique Cardoso e o presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, é o penúltimo capítulo de uma novela que em parte terminará no sábado, na ONU. O presidente brasileiro discursará na abertura da Assembleia-Geral da organização e vai deixar claro que o Brasil quer falar como líder das nações emergentes numa nova conjuntura internacional, pós-ataques terroristas. Na ONU, segundo fontes do Itamaraty, Fernando Henrique vai pedir um assento permanente no Conselho de Segurança para o Brasil, um lugar ao lado das potências do Primeiro Mundo. É a primeira vez que um presidente brasileiro usa este plenário desde 1991, quando Fernando Collor discursou.

Hoje, com Bush, o presidente não vai nem se aprofundar em assuntos como o protecionismo americano. Mas, no discurso de sábado, Fernando Henrique pregará por uma globalização mais humana, pela democratização da ONU, defenderá a criação do Estado palestino, da taxa do sistema financeiro internacional, contra o protecionismo, pelos direitos humanos.

O presidente não terá muito tempo com Bush, que estará recebendo vários líderes internacionais no mesmo dia. Serão encontros curtos. "Não houve nem, como é de praxe, uma discussão prévia entre as chancelarias sobre a agenda".

Comércio – Como adiantou o **Jornal do Brasil**, no último domingo, Fernando Henrique defenderá mudanças nas relações comerciais, mas não será tão enfático ao criticar o protecionismo americano. O *filé*, o presidente vai deixar para o discurso da ONU. "Ele tem aproveitado o momento para passar o recado que quer", afirmou outro diplomata. O momento é realmente propício. No Itamaraty sabe-se que, depois de 11 de setembro, o presidente acelerou a adoção da estratégia diplomática que planejava há algum tempo. "O conteúdo estava pronto, mas ele aproveitou a situação e fez adaptações", acrescentou um assessor do Ministério das Relações Exteriores.

Fernando Henrique está se aproveitando também da crise na Argentina, em especial na questão relativa ao assento permanente no Conselho de Segurança. Os argentinos são antigo rival no pleito. O presidente

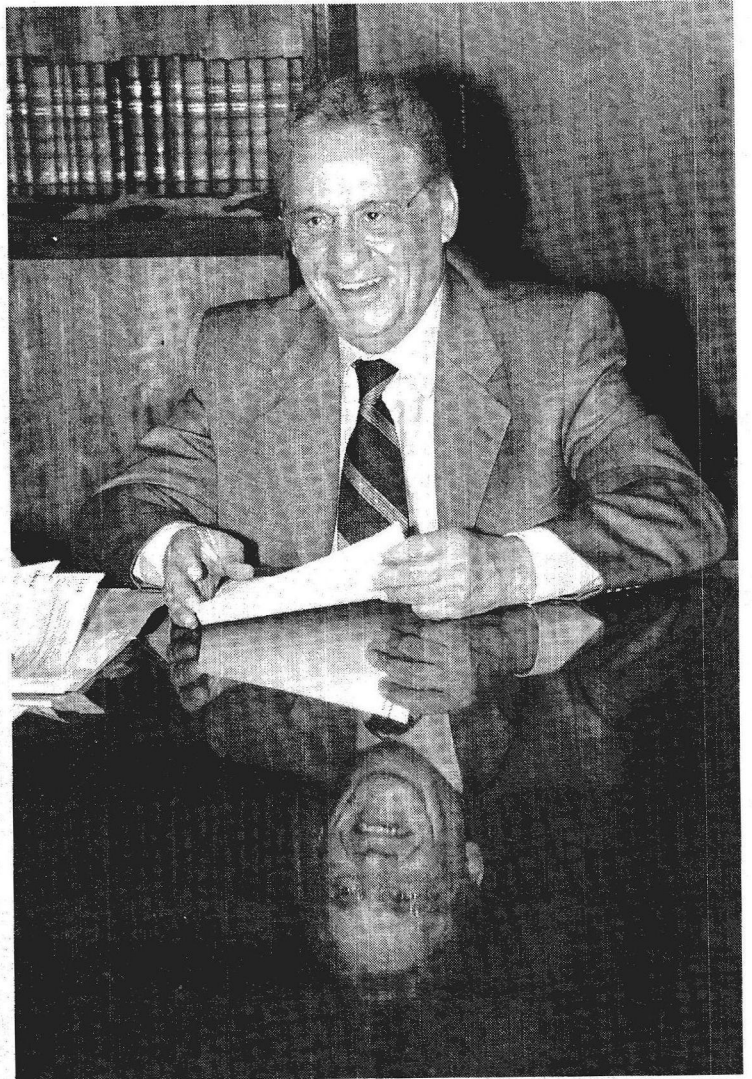
deixar claro, tanto para Bush quanto para a ONU que o Brasil não é a Argentina, não é o Chile, nem a África.

Afinal, o que quer o presidente? Em Brasília, não é segredo, fala-se muito do secretariado-geral da ONU. "Ele está mirando a sucessão da ONU em 2003", disse um diplomata. Fernando Henrique tem trânsito. É amigo do ex-presidente americano Bill Clinton, do primeiro-ministro britânico, Tony Blair, e é muito respeitado na França. É também próximo do ex-líder soviético Mikhail Gorbachev, comandante da *Perestroika*. "Quem vai discordar de uma globalização mais humana? Do reforço da democracia, dos direitos humanos?", pergunta a professora Leticia Pinheiro, especialista em política externa brasileira do Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio. "O discurso agrada a todos."

A sucessão também está na pauta. "Fernando Henrique está usando seu último palanque, reforçando o papel do Estado, da democracia, colocando limitações às soluções de mercado", disse a cientista política Maria Regina Soares de Lima, do Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro. "Tudo que está na moda."

PT – Segundo Pinheiro, falando lá fora, FH consegue distância da oposição. "Aí o PT tem que correr atrás", afirmou. "É uma tentativa de manter o PSDB por cima", reforçou um diplomata. A nova e recente estratégia diplomática de Fernando Henrique, no fim, abre duas possibilidades. Se for realmente concreta, reforça a posição do Brasil nas negociações internacionais. O país ganha apoio e pode defender com mais disposição os interesses lá fora. "Se o presidente conseguir aumentar os recursos de negociação ótimo, o cidadão ganhará quando o país negociar a Alca, por exemplo, ou um contencioso na Organização Mundial do Comércio", disse Pinheiro. A segunda possibilidade é mais crítica. "O difícil é achar que esse projeto vai à frente."

"É um discurso de estadista para um país sem poder", afirmou Soares de Lima. "Mostrar que o Brasil está preocupado com a equidade é claro que é positivo, mas é essa a política no plano interno? Tem que haver vínculos entre a política interna e a política externa, se não o discurso fica vazio". Vira apenas um sonho de Primeiro Mundo.



Nos EUA, FH tem encontro com Bush e discursa na ONU